

## **Princesa: uma revolta que fez história**

Paulo Gadelha  
Desembargador Federal do  
TRF da 5ª Região

É de Max Weber, no seu clássico ensaio – “A ética protestante e o espírito do capitalismo” – a observação de que existem, na vida, atores por vocação e atores por profissão.

No jornalismo, também, há os que o fazem por vocação e os que o exercem por profissão.

Sebastião Lucena, ou mais intimamente, Tião Lucena, se inscreve no rol dos que, por vocação, nasceram para fazer e comentar notícias.

Não apenas nele, ressalte-se, mas em toda a sua família, o jornalismo está no sangue.

Edmílson Lucena, seu irmão, eu já conheci jornalista desde os tempos em que exerci, por duas vezes, o mandato de deputado estadual.

Na bancada de Imprensa, da Casa de Epitácio Pessoa, registrando os fatos, para que a história nunca os perdesse de vista ou de memória, ele se mostrava sóbrio, elegante, independente.

Miguel, o outro mano, com a ousadia dos jovens, singrou “mares nunca dantes navegados”. É a volúpia do novo.

Foi mais longe. Foi para Angola, na África, dirigir jornal, com o selo e a destinação da família. É Princesa redescobrimo o continente negro.

Agora, Tião Lucena, que é procurador do Estado, se descobre, revelando-se historiador.

E o faz com o lançamento do livro – “1930, a história de uma guerra”.

E o ensaio tem méritos indiscutíveis, no estilo e nos fatos.

A linguagem é direta, incisiva, sem rodeios.

Parece que Tião fez praça da lição de Marques Rebelo quando lembra que “escrever é cortar palavras”.

O texto é, por isso, enxuto e alegre, apesar do assunto ser guerra.

Quanto aos fatos, ele se mantém na posição de observador imparcial, até porque, acontecidos há 76 anos, as paixões e os partidarismos perdem emoção.

Aliás, como bem rememorou o excelente jornalista Rubens Nóbrega, que em matéria de escrever, tem o saber de experiência feito, no prefácio que fez para o livro de Tião Lucena: “Além do apuro na forma, a gente percebe a riqueza do trabalho de pesquisador e revelador de fatos e acontecimentos inéditos da República Princesa”.

Um livro, pois, para ser lido, parafraseando Somerset Maugham, não com os olhos, mas com a razão.